

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

GENICE DENISE DE OLIVEIRA

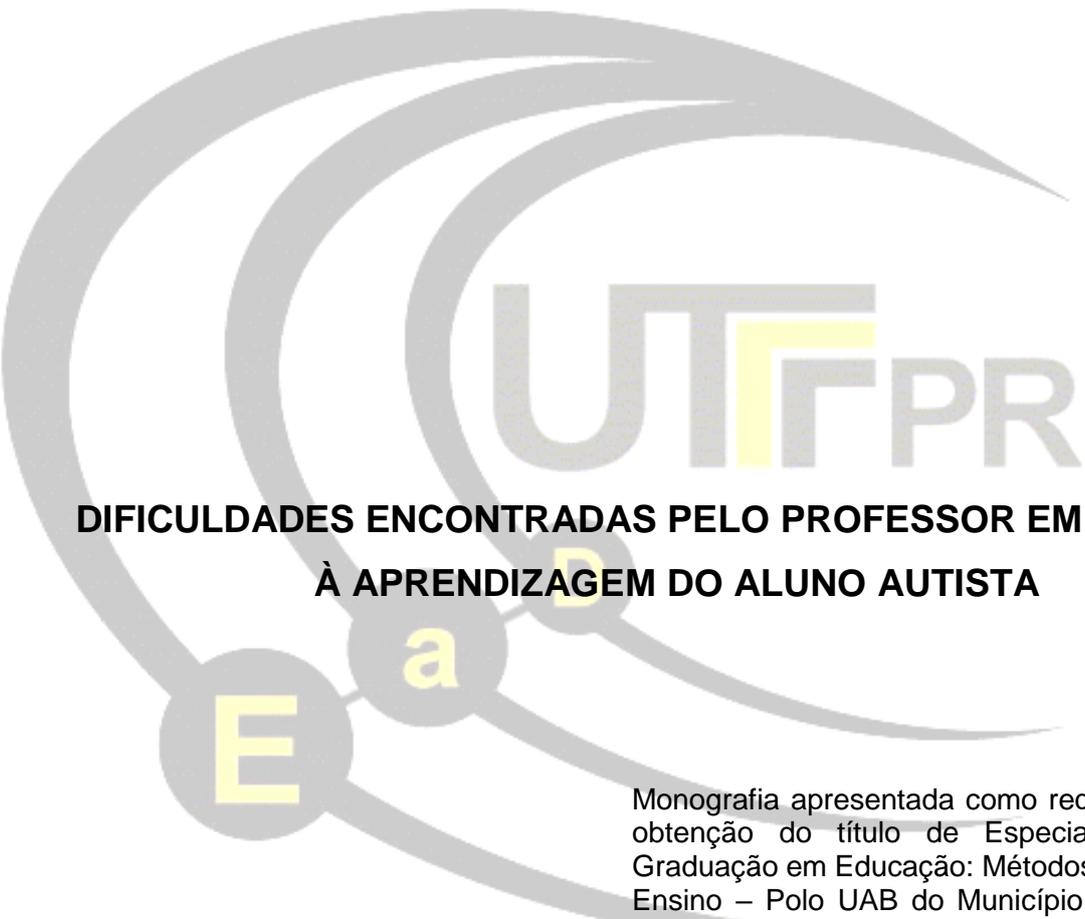
**DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO PROFESSOR EM RELAÇÃO
À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

GENICE DENISE DE OLIVEIRA



**DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO PROFESSOR EM RELAÇÃO
À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Paranaíba, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Nelson dos Santos

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Dificuldades Encontradas pelo Professor em Relação à Aprendizagem do Aluno Autista

Genice Denise de Oliveira

Esta monografia foi apresentada às 18h30m do dia 13 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Paranavaí, PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considero o trabalho aprovado.

Prof. Me. Nelson dos Santos
UTFPR – Campus Medianeira
Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Fatima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Campus Medianeira

Prof^a. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Campus Medianeira

Dedico aos professores que lutam bravamente e que se dedicam para possibilitarem aos alunos o direito à educação com qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar a oportunidade de ser professora, por não me deixar desistir diante das dificuldades, aos colegas de trabalho e por todos que acreditaram em mim, principalmente meus filhos a quem amo tanto: Thainá, Thales e Thalía.

A meu orientador, professor Nelson dos Santos, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Deficiente é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino”. (MÁRIO QUINTANA)

RESUMO

Oliveira, GENICE DENISE DE. Dificuldades encontradas pelo professor em relação à aprendizagem do aluno autista, 2018. 29 folhas. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática os desafios encontrados pelo professor em relação à aprendizagem do aluno autista. A revisão da literatura desta pesquisa tratou das noções do autismo, quadro clínico do TEA, intervenções precoces do TEA, crianças com necessidades especiais na escola, professores e seus desafios diante da educação inclusiva e as estratégias de inclusão para alunos com Transtorno Espectro do Autismo. O levantamento bibliográfico contou com a contribuição de pesquisadores, como: Oliveira (2011), Coelho (2010), Nunes (2011), Melo, Lira e Facion (2008), além de outros. Além do levantamento bibliográfico, também foi realizada uma pesquisa de campo classificada como estudo de caso com enfoque qualitativo. As informações analisadas são originárias de uma entrevista semiestruturada realizada com duas professoras da Rede Pública de Ensino do Município de Paranaíba, PR, que trabalham com crianças autistas.

Palavras-chave: Autismo. Intervenções. Inclusão. Estratégias. Desafios.

ABSTRACT

Oliveira, GENICE DENISE DE. Difficulties encountered by the teacher in relation to the learning of the autistic student, 2018. 29 f. Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This work had as a thematic the challenges encountered by the teacher in relation to the learning of the autistic student. The information analyzed comes from a questionnaire applied to the teacher. The present literature review used the notions of autism, clinical picture of ASD, early interventions of ASD, children with special needs at school, teachers and their challenges to inclusive education and inclusion strategies for students with Autism Spectrum Disorder. For the theoretical reference of the study the contribution of some researchers, such as: Oliveira (2011), Coelho (2010), Nunes (2011), Melo, Lira and Facion (2008). This is a bibliographical and field research, using a case study with a qualitative approach, with the use of a semi-structured interview. Two teachers of children with autism from a public school in the city of Paranavaí-PR participated in this study.

Keywords: : Autism. Interventions. Inclusion. Strategies. Challenges.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 AUTISMO: NATURAL OU SOBRENATURAL?	10
2.2 REPRESENTAÇÃO CLÍNICA DOS TEA	11
2.3 INTERVENÇÃO PRECOCE NO TEA	12
2.4 AUTISMO PRESENTE NA ESCOLA	12
2.5 O PROFESSOR E SEUS DESAFIOS DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA... ..	14
2.6 ESTRATÉGIAS PARA INTERAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS AUTISTAS.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE(S).....	30

1 INTRODUÇÃO

O processo para que as pessoas aceitassem um outro ser humano com necessidades especiais foi muito lento e a substituição das explicações sobrenaturais pelas explicações naturalistas do incomum no comportamento e desenvolvimento humano foi mais longo ainda, ou seja, a sociedade não entendia que pessoas com necessidades poderiam ser consideradas seres humanos “normais”, e que poderia haver explicação para tal comportamento. Com isto, demorou para que alguém descobrisse que eles poderiam ter um tratamento diferenciado. Encaminhar crianças e jovens com necessidades educacionais especiais (NEE) e com Transtornos do Espectro Autista na educação, torna-se um desafio. A inclusão se tornou realidade nos últimos dez anos por meio da publicação das leis e dada à necessidade de instituições que atendessem estes alunos, surge uma escola que os ensina e, ao mesmo tempo, precisa de informações para fazer esse trabalho.

Com isto, aumentaram-se as discussões sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais na sociedade como um todo, principalmente, no ambiente escolar. Para que essa inclusão aconteça, é preciso que todos os envolvidos da instituição escolar passem a obter conhecimentos sobre a natureza das necessidades especiais a fim de que o espaço escolar seja um lugar onde se ofereçam as oportunidades para que o aluno se desenvolva com mais eficácia. Foi com base, nessas premissas que se definiu como objetivo desta pesquisa investigar as dificuldades do professor frente à inclusão da criança com autismo na rede regular de ensino estadual, dando especial atenção à descrição das dificuldades desenvolvidas pelas condições de estruturas materiais da escola onde acontece o processo de inclusão.

Essa monografia, portanto, é resultado de uma pesquisa com procedimentos e técnicas de estudo de campo, que versam sobre o tema: Dificuldades que o professor encontra em relação à aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro Autista nos anos finais do ensino fundamental. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista, conforme se poderá conferir, com mais profundidade, no capítulo destinado aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa foi elaborada com base em fundamentos teóricos de diversos autores que tratam do tema em questão, ou seja, que tratam do desenvolvimento das estratégias para a inclusão e ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista. As referências teóricas abordam sobre os seguintes tópicos: autismo, intervenções precoces, inclusão na escola e o papel da escola inclusiva.

2.1 AUTISMO: NATURAL OU SOBRENATURAL?

Atualmente, o Autismo é definido como uma síndrome fundamentada em um comportamento com múltiplas causas. Também considerado um distúrbio do desenvolvimento. De acordo com a Associação Americana de Autismo (2018), o autismo é um desajuste do desenvolvimento que se torna visível em algum tempo da vida. Manifesta-se em, mais ou menos, vinte entre cada dez mil nascidos, normalmente, com maior probabilidade, entre meninos do que entre meninas e, até agora, não se obteve provas de causas psicológicas, no meio ambiente dessas crianças, que possam ter causado a doença.

A origem do termo Autismo é grega e significa “próprio” ou de “de si mesmo”, sendo utilizado para descrever comportamentos humanos voltados para o próprio indivíduo. Praça (2011, p. 25).

Entretanto, provou-se que os pacientes apresentavam apenas uma das expressões do autismo, que os sintomas são assinalados em cada paciente e que podem se mostrar com mais intensidade, entre uns e outros, sendo que o portador pode exibir sinais de deficiência mental, ou pode viver visivelmente uma vida próxima do normal.

Conforme Pereira; Riesgo; Wagner (2008), junto com os principais sintomas apontados anteriormente, crianças com autismo, quase sempre, apresentam sérios distúrbios comportamentais como, por exemplo, automutilarem-se e ficarem muito agressivos em resposta às cobranças do ambiente, além de irritabilidade anormal a estímulos sensoriais.

Como foi dito anteriormente, o autismo é mais comum em meninos, porém, quando aparece em meninas os sinais são mais intensos, surgindo desde o nascimento e a síndrome se apresenta frequentemente antes dos três anos de idade (COLL; MARCHESI; PALACIOS & COLS, 2004).

Muitas vezes, considerada surda por não atender ao estímulo auditivo, a criança com Autismo não encontra medicação, necessitando serem monitoradas as reações intensas quando estas não são determinadas por outros métodos alternativos. Com ou sem tratamento, as crianças com autismo sempre apresentam avanços. A criança autista não consegue autonomia sozinha, para que ela tenha sua completa dependência, é preciso garantir a sua autonomia (FACION, 2005).

2.2 REPRESENTAÇÃO CLÍNICA DOS TEA

Por se conceber como distúrbios do desenvolvimento, os TEA são qualificados por um quadro comportamental típico e que abrange sempre as áreas necessárias para se interagir socialmente, comunicar-se, e a área do comportamento em graus variáveis de rigidez, sendo representado por uma forma particular de reação do sistema nervoso central. Com isto, o quadro clínico se manifesta de forma mais visível até que a criança complete três anos de vida.

Os TEA, são assim, considerados, como sendo transtornos definidos pela apresentação do desenvolvimento anormal e com um sério comprometimento nas áreas da interação social, comunicação e comportamento.

Portanto, uma grande porcentagem dos indivíduos com TEA apresenta deficiência intelectual leve tanto quanto profunda e, de maneira muito clara, quando presente, irão acontecer mudanças na forma de apresentar um problema, uma vez que haverá uma representação clínica com as características de ambas as condições, a deficiência intelectual e o TEA.

Atualmente, consegue-se identificar crianças em risco de exibir estas alterações em idades anteriores a um ou dois anos. O papel do pediatra, nos anos iniciais de vida, é crucial, podendo levar em conta, ao menos, aqueles sinais que podemos chamar de risco como, por exemplo: a falta de resposta quando alguém a chama pelo nome, com mais ou menos aos 12 meses de idade, a dificuldade em pedir

alguma coisa, a forma de olhar para as pessoas, a complexidade em aprender a fazer tchau, a beijar, a bater palmas. Também em algumas respostas não usuais a certos sons (liquidificadores, secadores, motocicletas etc.) também devem ser consideradas.

2.3 INTERVENÇÃO PRECOCE NO TEA

É importante que haja uma Intervenção precoce no Transtorno do Espectro do Autismo, pois esta é uma das formas mais corretas para a prevenção de resultados contrários e na maximização de oportunidades de desenvolvimento para as crianças sinalizadas, ou já diagnosticadas com este espectro. (Siegel, 2008). É possível, ainda, operar ao nível da modificação das sinapses neuronais, que estão ainda flexíveis, devido à plasticidade neural presente nestas idades (Correia, 2011).

De acordo com o Pediatra Filipe Silva (2014), por meio da intervenção precoce, durante a fase em que o sistema nervoso é muito mais plástico e muito mais apto à mudança, é possível abrandar os sintomas e, portanto, alcançar um melhor desenvolvimento para estas crianças.

2.4 AUTISMO PRESENTE NA ESCOLA

A partir de 1990, a educação especial teve maior ênfase, período esse em que o Brasil passava por reformas que atingiam todos os setores da educação, até mesmo a Educação Especial que teve como direção o documento “Política Nacional de Educação Especial” (1994) que se fundamentou na Constituição Federal (1988), definido, no art.205, a educação como um direito de todos e, no art.208, III, o atendimento educacional especializado às pessoas com necessidades especiais, dando preferência à rede regular de ensino e também obtendo Interferência Precoce no Transtorno do Espectro do Autismo em vista do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Segundo Bruno (1997), a educação de qualidade como direito de todos fica preconizada pela Política Nacional de Educação Especial, mantendo o procedimento

de necessidades especiais no sistema geral de ensino. No momento em que se afirmar que a educação é um direito de todos, é importante entender que ela está inerente à aceitação das diferenças e na valorização do indivíduo, autônoma dos fatores físicos e psíquicos.

As pessoas portadoras de deficiências vêm conquistando cada vez mais seus direitos na sociedade atual, mas já lutaram muito para chegar às suas conquistas. Segundo Carvalho, Rocha e Silva (2004), ao buscar novas condições para sua existência como pessoas com deficiências especiais com o passar da história, podem ser encontradas diferentes formas de tratamentos. As principais formas podem ser resumidas nos modelos de extermínio ou abandono, da institucionalização, da integração e da inclusão.

Para Oliveira (2006), todos da educação inclusiva têm direito a educação de qualidade, entrada regular ao espaço comum de vida em sociedade e principalmente de serem aceitos em suas diferenças individuais assim como aqueles que não apresentam nenhum tipo de necessidades especiais, mas têm dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem escolar. Para isso, é preciso que a escola tenha mudanças em suas concepções pedagógicas e repense as práticas de ensino visando a entender as dificuldades do aluno em sua especificidade, afim de que estas sejam atendidas, levando-se em conta, ainda, que as dificuldades de aprendizagem, por muitas e muitas vezes, estão relacionadas com vários fatores, como, seus ambientes de origem, situação socioeconômica, estrutura familiar assim como as condições ruins da escola, excesso de alunos por sala e falta de apoio especializado.

Nessa mesma linha, Coelho (2010), diz que, na escola, surgem várias dificuldades, tais como questionamentos de educadores, gestores, educandos e dos pais de educandos, entre outros. E, assim, as questões complicadas originadas pela inclusão escolar deixam todos angustiados, fazendo com que o espaço dedicado à coordenação pedagógica seja o ideal para resolver os problemas sucedidos da inclusão, objetivando suas possíveis soluções.

Para Nunes (2011), a maioria dos professores que atuam nas escolas demonstram medo e, até mesmo, rejeitam a inclusão que está ocorrendo em todo sistema educacional. Para o professor, a inclusão dependerá da formação cultural e intelectual que, muitas vezes, acabará interferindo na prática pedagógica.

A inserção destes alunos não acontece em um mês e nem em um semestre, mais, sim, todos os dias, o professor deve adquirir uma obrigação de planejar para todos sem qualquer distinção.

A educação inclusiva, a partir do reconhecimento e valorização da diversidade como fator de enriquecimento do processo educacional, tem provocado mudanças na escola e na formação docente, propondo uma reestruturação da escola que beneficie a todos os alunos. A organização de uma escola prevê o acesso à escolarização e o atendimento às necessidades educacionais especiais. (MEC, 2006)

Por mais inclusivo que o professor seja, ele não consegue sozinho, incluir seu aluno, a participação de todos é essencial para um melhor desenvolvimento dentro da sociedade.

2.5 O PROFESSOR E SEUS DESAFIOS DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Sabe-se que nem sempre é fácil quando se fala de incluir crianças com autismo, em uma sala de aula regular, por vezes, o assunto se torna polêmico e surgem amplas discussões devido ao nível de complexidade das características apresentadas, quando estas são inseridas na escola. Por muitas vezes, a criança com autismo se torna agressiva com os professores ou com os colegas, o que pode causar confusões. No entanto, ao receber uma criança com autismo em sua sala de aula, o professor, ao iniciar o processo de inclusão, passa a se sentir desafiado, pois a criança já apresenta dificuldade de interação não conseguindo ao menos, comunicar-se. (FELÍCIO, 2007, p. 25)

No meio educacional, a inclusão não é vista de forma positiva e, muitas vezes, os profissionais da educação não acreditam estar preparados para contornar as necessidades particulares que a criança com autismo apresenta. Pode-se dizer, em outras palavras, que os professores sentem dificuldades com relação ao fato de receber uma criança com autismo em sala de aula e que poderia ser mais indicado se tivesse um professor voltado exclusivamente para alunos autistas (NUNES, 2011).

De acordo com “Saberes e práticas da inclusão, dificuldades de aprendizagem: autismo”, (BRASIL, 2004), há algumas discussões entre especialistas

sobre a inclusão de aluno autista no ensino regular. Eles lembram que o aluno com autismo, que apresente qualquer nível de dificuldade, seja inserido na rede regular, ainda que seja no especial. No entanto, outros estudiosos sugerem que o autista ingresse na classe comum na escola regular. Mas, o acesso de aluno autista na rede regular de ensino não é tão fácil quanto muitos acreditam que seja, ainda que as características do autismo dificultem a preparação de propostas pedagógicas. (MELO, LIRA e FACION, 2009).

O processo em que o aluno começa a aprender e o ritmo de realização de atividades devem ser respeitados de forma indispensável. A inserção desse aluno nas escolas regulares, de acordo com estes autores, faz com que o professor tenha um novo desafio por exigir que faça mudanças em seus recursos de ensino considerados tradicionais e estabeleça estratégias de acordo com as qualidades individuais do aluno autista.

Destaque-se que a forma que o professor da classe comum possui para se capacitar, baseado apenas em teorias, não é suficiente para que ele inicie diferentes práticas pedagógicas inclusivas frente às situações marcantes que terá que enfrentar na sala de aula, situações estas relacionadas às especificidades individuais do aluno com deficiência. Assim, a inclusão promete desafios para que o educador do ensino comum se coloque num contexto educacional inclusivo que exige que o seu papel seja redefinido.

Conclui-se, dessa forma, que as soluções citadas são a base da educação inclusiva, sem esses recursos, não se pode considerar essencial a proposta da educação inclusiva. O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001, p. 59) teve como finalidade a melhoria das escolas no que se refere aos “espaços físicos, a infraestrutura, [...] e materiais pedagógicos. Assim, justificam-se os desafios de o professor desempenhar sua função diante de um aluno autista na classe regular de ensino, que é um espaço favorável para a socialização, onde os alunos interagem entre si e com o professor. Tendo em vista os enfrentamentos do professor diante da proposta da educação inclusiva na escola pública, a educação inclusiva se distancia de uma fantasia e passa a ser viável caso existam os “recursos humanos, pedagógicos e materiais”. Leonardo, Bray e Rossato (2009 apud GLAT; MAGALHÃES; CARNEIRO, 1998). O exercício pedagógico se solidifica nas ações do docente no contexto escolar, Segundo Vieira e Zaidan (2013, p. 34 apud CALDEIRA; Z Aidan, 2010, p. 21).

2.6 ESTRATÉGIAS PARA INTERAÇÃO SOCIAL DO ALUNO AUTISTA

A inclusão, em si, coloca como um referencial, um delicado assunto que encaminha à cegueira e que torna a inclusão e exclusão como conformadoras entre sociedade e educação. Daí a importância da inclusão dos alunos com necessidades especiais. E quando inclusos, se eleva a consciência dos aspectos relacionados da escola com a comunidade que propõe os limites, os benefícios de seus integrantes, e os relacionamentos de todo um ambiente exterior de cada história que as pessoas, em si, encaram com a luta da inclusão, da consciência que se eleva em todos os lados e suas fronteiras que separam os alunos, colocando em critério a sua necessidade especial.

De acordo com Coscia (2010), quando o processo de ensino aprendizagem é iniciado com a criança autista, o professor sente a sensação de que ela se recusará a interagir e a estudar qualquer coisa sugerida por ele. Nesse caso, cabe ao professor adaptar um ambiente adequado, com intervenções precisas para que aconteça a comunicação.

Já, Monte; Santos (2004, p.31) destacam que: “o aluno com necessidades educacionais especiais, por apresentar autismo, necessita de ajuda para adquirir informações que os outros alunos aprendem naturalmente, por isso, a seriedade da seleção de atividades”.

Diante disso, compreende-se a importância de se instituir uma relação apropriada entre professor e aluno, visto que isso pode colaborar, de forma significativa, para a sua estabilidade na escola. Essa corrente teórica, atualmente, tem se preocupado em buscar uma adequação pedagógica do fenômeno educativo escolar. Nesse sentido, refletir sobre a sala de aula, implica priorizar a relação entre professor e aluno (MONTEIRO, 2003, p. 50).

Em consonância com isso, Rosa (2005) destaca que o trabalho na Educação Especial ou no Atendimento Educacional Especializado (AEE) requer muito mais do professor, pois, além do dever de ensinar e auxiliar na construção de conhecimento acadêmico, o educador precisa ter entusiasmo e acreditar no potencial de seu aluno, mudando frequentemente sua prática pedagógica, seus objetivos e perspectivas. Para isso, o professor que valoriza seu conhecimento pode dispor de uma infinidade de tecnologias, bibliografias, materiais manipuláveis, jogos,

brincadeiras, para tornar sua aula em uma gostosa viabilização do ensinar, do aprender e da relação entre a função da instituição escolar dentro de um contexto social inclusivo, proporcionado, dessa forma, a autonomia do aluno com necessidades especiais.

Para a inclusão de todos, é preciso ser solidário, cooperativo e participativo, possibilitar a participação para que todos façam parte do processo realmente, já que as tecnologias estão cada vez mais desenvolvidas e essencialmente desempenhadas para ajudar na comunicação, locomoção e qualidade de vida para aqueles que possuem as mais diferentes necessidades especiais. Assim, a população pode se beneficiar de tantas mudanças através da história. Jamais se teve tantas oportunidades e tempo propício para a inclusão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Optou-se por realizar o presente trabalho através de estudo de campo, com a finalidade de apresentar uma abordagem explicativa, envolvendo os participantes em uma analogia entre sujeito e objeto (CRESWELL, 2007, p.248).

A investigação foi realizada em uma escola da rede pública estadual do município de Paranaíba, PR, e os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas que partiram de certos questionamentos fundamentais, defendidos por teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, apresentam amplo campo de interrogativas, produto de novas suposições que vão aparecendo à medida que são informadas as respostas, seguindo com clareza a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal posto pelo investigador. (TRIVIÑOS, 1997).

Pode se dizer ainda, sobre as entrevistas, de acordo com Lakatos, Markoni (1996), que as informações sucedidas das entrevistas solicitam que o entrevistador se dispunha de tempo e também exige outros cuidados, entre eles, destacam-se: a idealização da entrevista; a seleção do entrevistado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, finalizando, a preparação exclusiva do roteiro ou formulário com os assuntos mais importantes.

O itinerário da entrevista foi formado e aplicado para que se pudesse através das falas, avaliar o que as professoras participantes dessa pesquisa (recurso e sala regular) percebem e exercitam com relação à inclusão de crianças com autismo em uma escola de ensino regular e, principalmente, colher informações ressaltantes sobre a dificuldade e o papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que se compreenda o que foi debatido até aqui sobre o as dificuldades do professor frente à inclusão de autistas em sala regular, analisou-se os dados obtidos através da entrevista realizada com as professoras atuantes no ensino médio, da Educação de Jovens e Adultos. Iniciou-se a análise caracterizando as professoras entrevistadas.

Com o objetivo de preservar a verdadeira identidade das entrevistadas, a primeira professora participante da pesquisa foi recebeu o codinome Miranda. Ela atua na área da educação há quinze anos, é formada no curso de Letras e Artes visuais e possui capacitação na área de Educação Inclusiva.

A segunda participante recebeu o codinome Maria. Ela atua na educação há vinte anos, possui formação em Pedagogia e é pós-graduada em Psicopedagogia. Também possui capacitação na de Educação Inclusiva.

Finalmente, foi realizada uma entrevista contendo várias perguntas que foram distribuídas entre duas professoras (sala regular e sala de recuso). As perguntas, que não foram, necessariamente, iguais para as duas entrevistadas, versaram, prioritariamente, sobre as dificuldades que o professor da educação inclusiva encontra em relação à aprendizagem do aluno autista.

Perguntas formuladas à entrevistada MIRANDA e suas respectivas respostas:

Pergunta nº - 1: Que práticas pedagógicas você utiliza na sala de aula para a inclusão do aluno com TEA?

Resposta: As práticas pedagógicas para a inclusão desse aluno são sempre diferenciadas pensando sempre nas dificuldades de leitura, escrita e compreensão do aluno.

Pergunta nº 2: Como ocorre o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno com TEA?

Resposta: Ocorre de forma a objetivar o pleno desenvolvimento do aluno

Pergunta nº 3: Como você avalia o aluno com TEA em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento?

Resposta: O aluno apresenta bastante dificuldades de aprendizagem e assim sua avaliação se dá de forma diferenciada com questões simples e sempre ilustradas, ou por meio de desenhos, ou oralmente.

Pergunta nº4: Você recebe algum apoio da instituição educativa em relação ao trabalho pedagógico? Tem contribuído satisfatoriamente com sua prática? Comente.

Resposta: Sim. A instituição contribui, mas cabe ao professor se empenhar e buscar metodologias para trabalhar com o seu aluno de acordo com suas dificuldades.

Pergunta nº 5: Qual (is) é (são) sua (s) maior (es) dificuldade (s) frente ao processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA?

Resposta: A maior dificuldade é no preparo do material que atenda às necessidades do educando principalmente na questão da compreensão, bem como no atendimento individualizado a esse aluno para que desenvolva as atividades com autonomia construindo o conhecimento.

Pergunta nº 6: Qual avaliação você faz da sua própria prática pedagógica com relação ao trabalho com o aluno com TEA?

Resposta: Minha prática contribui, mas acredito que precisa melhorar.

Pergunta nº 7: Faz adaptações das atividades para serem desenvolvidas com esse aluno?

Resposta: Sim.

Pergunta nº 8: As atividades desenvolvidas têm a mediação do educador?

Resposta: Sim e em quase todos os momentos.

Pergunta nº 9: Qual a receptividade da criança frente as atividades propostas?

Resposta: A receptividade é de empolgação principalmente quando se mostra por meio de figuras e assuntos que atraem o aluno.

Pergunta nº 10: Como se desenvolve a relação professor e aluno com TEA?

Resposta: A relação é ótima quando se propõe algo atrativo que desperte a criatividade e o gosto pelos estudos.

Pergunta nº 11: Como se desenvolve a relação aluno com TEA e colegas?

Resposta: A relação é boa de respeito, embora o aluno seja bastante introvertido, reservado e com uma fala de difícil compreensão.

Pergunta nº 12: Como se concretiza a participação do aluno com TEA na sala de aula?

Resposta: O aluno realiza todas as atividades propostas, se não compreende, pergunta

Pergunta nº 13: O aluno apresenta melhorias no desempenho de ensino e aprendizagem em relação ao período de tempo que está na escola?

Resposta: Sim.

Pergunta nº 14: Qual o papel da escola no processo de inclusão do aluno com TEA na sala de aula?

Resposta: Acredito que seja não só incluir mas dar condições para ocorra o aprendizado num ambiente harmonioso, respeitando as diferenças promovendo o crescimento do aluno.

Pergunta nº15: A escola conta com uma sala de Atendimento Educacional Especializado?

Resposta: Sim. Sala de recurso multifuncional.

Pergunta nº16: Como as atividades da sala de Atendimento Educacional Especializado interfere para processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA no contexto da sala de aula?

Resposta: Interfere no sentido de trabalhar as dificuldades principais do aluno como um apoio para que se desenvolva melhor em sala de aula.

Pergunta nº 17: Como ocorre a interação entre você e o professor do Atendimento Educacional Especializado visando a melhoria da inclusão do aluno com TEA?

Resposta: A interação se dá frequentemente na troca de ideias e acompanhamento na evolução do aluno.

Pergunta nº 18: Como é a experiência de trabalhar com um aluno com TEA na sala de aula?

Resposta: Não é uma experiência fácil, exige muita dedicação no preparo do material, muito carinho com o aluno e muita compreensão de seus limites bem como suas habilidades. É necessário acreditar no potencial desse aluno.

Pergunta nº 19: Como você conceitua a Educação Inclusiva?

Resposta: Sendo bem conduzida, é de grande importância para o desenvolvimento intelectual, social e pessoal do educando.

Pergunta nº 20: Que teorias pedagógicas educacionais você tem utilizado para fundamentar sua prática no processo de inclusão do aluno com TEA?

Resposta: As teorias de Vygotsky estruturam a ideia da função do papel do professor como mediador ao estimular a procura, a descoberta, a assimilação do conteúdo.

Pergunta nº 21: A participação ou ausência dos pais e/ou responsáveis afeta nas práticas pedagógicas evidenciadas na sala de aula?

Resposta: Sim.

Pergunta nº 22: Você considera que o empenho do professor assim como, seu conhecimento pode afetar o processo de inclusão do aluno com TEA na sala de aula do ensino regular?

Resposta: Sim, pois todo o empenho do professor, bem como o seu conhecimento fará toda a diferença para que o aluno sinta-se bem na escola regular e compreendida diante de suas dificuldades.

Perguntas formuladas à entrevistada MARIA e suas respectivas respostas:

Pergunta nº 1: Atualmente, quais os alunos que estão matriculados na SRM? De onde são provenientes?

Resposta: Um aluno- ensino regular

Pergunta nº 2: Qual o total de alunos atendidos e quais as NEE?

Resposta: São no total 20 alunos. Deficiência intelectual, TEA, síndrome de down, TDAH-transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

Pergunta nº 3: Quais os dias e duração do AEE na instituição?

Resposta: É feito em cronograma, onde os alunos são atendidos durante a aula (ensino regular) e individual (grupos)

Pergunta nº 4: Como ocorre o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para o aluno com TEA?

Resposta: Atendimento individual no ensino regular, atendimento individual- sala de recurso, onde é organizado praticas pedagógicas conforme a necessidade do aluno.

Pergunta nº 5: Que atividades são propostas para o aluno com TEA?

Resposta: Relacionamento afetivo-social, estimulação psicomotora, jogos pedagógicos (atenção/concentração)

Pergunta nº 6: As atividades propostas mantém alguma relação com aquelas que são realizadas na sala regular? De que modo?

Resposta: Sim, É feito um trabalho para que os alunos consigam superar suas dificuldades e acompanhar o “Ensino Regular”.

Pergunta nº 7: Como você avalia o aluno com TEA em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento?

Resposta: Observa-se que o aluno tem capacidade para aprender, o cognitivo é bem estimulado e desenvolvido, porém muita dificuldade nos aspectos psicomotores (coordenação motora, organização espacial) e relacionamento afetivo-social.

Pergunta nº 8: Que tipo de apoio você recebe por parte da instituição educativa para o desenvolvimento da sua prática no AEE? Tem contribuído satisfatoriamente com sua prática? Comente.

Resposta: Mediação pedagógica com o professor do ensino regular e aquisição de materiais pedagógicos.

Pergunta nº 9: Qual (is) é (são) sua (s) maior (es) dificuldade (s) frente Atendimento Educacional Especializado do aluno com TEA?

Resposta: Pouco tempo para realizar tudo o que planeja; pouco contato com o aluno (2 vezes por semana).

Pergunta nº 10: Como adquire os materiais utilizados em sala direcionados ao aluno com TEA?

Resposta: Comprado particularmente e outros doados pela instituição.

Pergunta nº 11: Como se desenvolve a relação professor e aluno com TEA? Difere da relação com outros alunos atendidos na SRM?

Resposta: É feito um trabalho para analisar o relacionamento interpessoal e relacionamento professor/aluno.

Pergunta nº 12: Que tipo de avanços o aluno apresenta no desempenho com relação ao início do Atendimento Educacional Especializado?

Resposta: Compreensão dos conteúdos, término do ensino médio e um relacionamento afetivo social.

Pergunta nº 13: Como ocorre a interação entre você e o professor da sala de aula regular, visando a melhoria da inclusão do aluno com TEA?

Resposta: Elaboração de PTD; Diferenciação curricular; Atendimento individual.

Pergunta nº 14: Você tem conhecimento se as atividades da sala de Atendimento Educacional Especializado estão interferindo no processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA no contexto da sala de aula regular?

Resposta: Sim, conforme o desenvolvimento das avaliações.

Pergunta nº 15: Como é que se dá a participação dos pais no AEE?

Resposta: Participativos

Pergunta nº 16: Qual a interferência do conhecimento pedagógico e sobre o Autismo por parte do professor para o trabalho no AEE do aluno com TEA?

Resposta: Importante, porém sempre é preciso buscar estratégias e trabalhar na singularidade de cada ser.

De acordo com as respostas obtidas das professoras entrevistadas, percebe-se que estas demonstram conhecimento sobre o tema questionado, no entanto, cada uma com um conceito sobre o assunto abordado e ambas com formação diferente e voltada a trabalhar na área que se encontra com determinação. Trazer a dificuldade que o professor encontra em trabalhar com alunos especiais dentro da sala de aula comum era realmente a ideia, pois a inclusão não é só do aluno com deficiência e sim dos outros participantes da sala. O desafio, portanto, é como adaptar o planejamento para que esse aluno tenha o mesmo conteúdo que os demais. Pelos resultados dessa pesquisa de campo, fica mais claro que não há teoria sem prática e nem prática sem teoria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados aqui apresentados e do que foi descrito na fundamentação teórica sobre o autismo, levando em consideração os desafios do professor para lidar com processo de Inclusão de uma criança autista nas escolas de ensino regular, compreende-se que é de extrema importância tornar acessível a entrada e permanência de crianças autistas na escola, no entanto, tornar uma escola inclusiva não é uma tarefa simples. Portanto, é necessário que os professores se especializem na área.

Nesse contexto, o que acontece, muitas vezes, é que os educadores se sentem insuficientes ou impotentes na adaptação de todos os alunos, mas cabe às políticas educacionais garantir um programa permanente de apoio a todas as formas de inclusão e, ao professor, cabe buscá-lo.

A pesquisa de campo realizada mostra a realidade vivida pelos profissionais da educação que trabalham com a inclusão. O sistema educacional não capacita seus professores e tão pouco oferece subsídios para esta capacitação. Muitos deles fazem o que gostam, atuando na área há alguns anos e trabalham com esses alunos pelo amor que sentem, assim, correm atrás (particularmente) da sua capacitação para atender melhor esses alunos dentro de sua necessidade e de acordo com a sua capacidade.

Nem todos os profissionais da educação estão capacitados ou com algum tipo de motivação para atender alunos autistas em suas salas. Pode se dizer que deve existir uma inclusão total que, além de considerar as especificidades de atenção que alguns casos necessitam, como é o caso de crianças Autistas, faça-se reconhecer nas atividades, no currículo e no planejamento.

É necessário se pensar em soluções mais eficientes para se superar os problemas e buscar melhores resultados. Também é imprescindível que o sistema educacional, a família e principalmente a escola trabalhem juntos para ofertar uma educação de qualidade e possíveis condições para o desenvolvimento e aprendizagem desse tipo de aluno.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Autismo. Disponível em: <<http://www.autismsociety.org/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo.** Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%204.pdf> pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.** Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm)>. Acesso em: 05 out. 2017.

BRUNO, M. M. G. Deficiência Visual: **Reflexão sobre a Prática Pedagógica.** São Paulo: Laramara, 1997.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva:** com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

COELHO, Cristina M. Inclusão escolar. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Orgs). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora. UnB, 2010. Cap.2, p. 55-71.

COLL; MARCHESI; PALACIOS & COLS. **Desenvolvimento psicológico e educação:** transtorno do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. São Paulo: Editora Penso, 2004.

CORREIA, N. **A Importância da Intervenção Precoce para as crianças com autismo na Perspectiva dos Educadores e Professores de Educação Especial.** Lisboa- 2011.

COSCIA, M. R. **As intervenções do professor na aprendizagem de crianças com autismo no Ensino Fundamental I.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2010. Disponível em: <www.crda.com.br/tccdoc/47.pdf >. Acesso em: 15 Maio.2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativos, quantitativos e mistos.** Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FACION, José Raimundo; MELO, Sandra Cordeiro de, LIRA, Solange Maria de. **Políticas inclusivas e possíveis implicações no ambiente escolar.** In:_____. Inclusão escolar e suas implicações. 2.ed. Curitiba: Ibpex, 2009. Cap.2. p. 53- 72.

FELICIO, V. C. **O autismo e o professor:** um saber que pode ajudar. Bauru, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

LEONARDO, N. S. T.; BRAY, C. T.; ROSSATO, P. M. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas de ensino básico. **Revista Brasileira de Educação Especial**. vol.15 n. 2 Marília May/Aug. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382009000200008/>. Acesso em: 14 set. 2017.

MELO, S. C. de. LIRA, S. M. de. FACION, J. R.; Políticas inclusivas possíveis implicações no ambiente escolar. In: FACION, J. R (Org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibipex, 2008.

MONTE, F. R. F. do; SANTOS, I. B. dos. (COORD.). **Saberes e práticas da inclusão- Dificuldades acentuadas de inclusão: Autismo**. Brasília, MEC, SEESP, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%203.pdf>>. Acesso em: 19 Maio 2018.

MONTEIRO, A. T. M. **Educação inclusiva: um olhar sobre o professor**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação. Belo Horizonte, 2003. Disponível em:<<Http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FA-EC-85VK7H/1000000517.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 Maio 2018.

NUNES, S. M. **A concepção dos familiares, professores sobre a inclusão dos alunos com necessidade especiais na escola regular**. 2011. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/view/1240>> Acesso em 19 Maio 2018.

OLIVEIRA, M. M. B. C. **Ampliando o Olhar sobre as Diferenças através de Práticas Educacionais Inclusivas**. Brasília: SEED/MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/.../experiências educacionais inclusivas.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/.../experiencias_educacionais_inclusivas.pdf)>. Acesso em 07. out. 2017.

PEREIRA, A.; RIESGO, R. S.; WAGNER, A. B. **Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil**. Disponível em: <Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-572008000700004>. Acesso em: 03 nov. 2017.

PRAÇA, E. T. P. de. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de ciências exatas. Pós-Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2011. Disponível em:<www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Dissertação-Elida.pdf>. Acesso em: 25 Maio. 2018.

ROSA, C.C. Os limites da Inclusão. **Revista Pátio**. Porto Alegre, ano III, n. 32, p. 08-12, nov. 2004/ jan. 2005.

SIEGEL, B. **O Mundo da Criança com Autismo – Compreender e Tratar Perturbações do Espectro do Autismo**. Porto: Coleção Referência. Porto Editora, 2008.

SILVA, F. **Entrevista televisiva**. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=725829&tm=7&layout=122&visual=61>>. Acesso em 20 jun. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1997.

VIEIRA, Gláucia Aparecida; Z Aidan, Samira. Sobre conceito de prática pedagógica e o professor de matemática. Paidea, revista do curso de pedagogia da Universidade FUMEC, Belo Horizonte Ano 10 n. 14 p. 33-54 jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/2375/1431>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

APENDICES

Pesquisa para a Monografia da Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – EAD UTFPR, por meio de entrevista, objetivando pesquisar as práticas dos professores frente à inclusão da criança com autismo na rede regular de ensino, identificar os desafios do professor ao receber alunos autistas e apontar as dificuldades referentes à prática pedagógica durante o processo inclusão.

Local da Entrevista: _____. (Cidade/Escola) Data: _____

Parte 1: Perfil do Entrevistado

Sexo : () Feminino (X) Masculino

Série: (X) 1-2-3 ano EM Idade: _____

Parte 2: Questões

As questões deverão ser de forma clara e que atendam aos objetivos da pesquisa de campo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para você participar da pesquisa **“AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”**.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa se propõe a discutir sobre as práticas do professor frente ao processo de inclusão, com o intuito de investigar o processo de inclusão do aluno Autista considerando as dificuldades que o professor encontra no contexto da sala de aula da escola regular a partir das práticas pedagógicas evidenciadas nesse espaço,

A realização da pesquisa significará uma grande contribuição aos estudos desenvolvidos na área de formação de professores e inclusão escolar de pessoas

com necessidades especiais às quais têm uma história de negação às suas possibilidades de participação escolar e social.

Logo, seu consentimento livre e esclarecido para dela participar representará uma atitude cidadã e os riscos serão mínimos, com a inteira liberdade de não responder às **questões** a respeito das quais não deseja emitir opinião.

O seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários **participantes**.

Você ficará com cópia deste Termo e qualquer que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para Genice Denise de Oliveira no endereço: Rua Antônio Vieira dos Santos – Santos Dumont, Paranavaí/Pr. Ou pelo telefone (44) 9 9716-9273.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da mesma.

Participante da pesquisa:

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisador responsável: _____

Genice Denise de Oliveira, nº 261, Centro

Paranavaí/Pr. _____ de _____ de 2018.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOCIOPROFISSIONAL COM O PROFESSOR DO ENSINO REGULAR



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

Tema: AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”.

Dados sobre o (a) professor (a):

1 Nome: _____

2 Idade: _____

3 Cidade de origem: _____

4 Graduação em qual área do conhecimento? _____

5 Instituição na qual realizou a graduação? _____

6 Possui Pós-graduação? _____

7 Tempo de atuação como docente: _____

8 Ano que passou a lecionar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: _____

9 Participa de cursos de capacitação na área de Educação Inclusiva? _____

11 Faz ou já fez curso de capacitação na área de Autismo? _____

12 Classe em que atua _____ Nível _____

**UTFPR-MEDIANEIRA
Genice Denise de Oliveira
Grata pela colaboração!**



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

Tema: AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”.

COMENTE SOBRE:

1. Que práticas pedagógicas você utiliza na sala de aula para a inclusão do aluno com TEA?

2. Como ocorre o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno com TEA?

3. Como você avalia o aluno com TEA em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento?

4. Você recebe algum apoio da instituição educativa em relação ao trabalho pedagógico? Tem contribuído satisfatoriamente com sua prática? Comente.

5. Qual (is) é (são) sua (s) maior (es) dificuldade (s) frente ao processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA?

6. Qual avaliação você faz da sua própria prática pedagógica com relação ao trabalho com o aluno com TEA?

7. Faz adaptações das atividades para serem desenvolvidas com esse aluno?

8.. As atividades desenvolvidas têm a mediação do educador?

9. Qual a receptividade da criança frente as atividades propostas?

10. Como se desenvolve a relação professor e aluno com TEA?

11. Como se desenvolve a relação aluno com TEA e colegas?

12. Como se concretiza a participação do aluno com TEA na sala de aula?

13. O aluno apresenta melhorias no desempenho de ensino e aprendizagem em relação ao período de tempo que está na escola?

14. Qual o papel da escola no processo de inclusão do aluno com TEA na sala de aula?

15. A escola conta com uma sala de Atendimento Educacional Especializado?

16. Como as atividades da sala de Atendimento Educacional Especializado interfere para processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA no contexto da sala de aula?

17. Como ocorre a interação entre você e o professor do Atendimento Educacional Especializado visando a melhoria da inclusão do aluno com TEA?

18. Como é a experiência de trabalhar com um aluno com TEA na sala de aula?

19. Como você conceitua a Educação Inclusiva?

20. Que teorias pedagógicas educacionais você tem utilizado para fundamentar sua prática no processo de inclusão do aluno com TEA?

21. A participação ou ausência dos pais e/ou responsáveis afeta nas práticas pedagógicas evidenciadas na sala de aula?

22. Você considera que o empenho do professor assim como, seu conhecimento pode afetar o processo de inclusão do aluno com TEA na sala de aula do ensino regular?

UTFPR- MEDIANEIRA
Genice Denise de Oliveira
Grata pela colaboração!

APÊNDICE B- ENTREVISTA SOCIOPROFISSIONAL COM O PROFESSOR DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS.



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

Tema: AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”.

COMENTE SOBRE:

1. Atualmente, quais os alunos que estão matriculados na SRM? De onde são provenientes?

2. Qual o total de alunos atendidos e quais as NEE?

3. Quais os dias e duração do AEE na instituição?

4. Como ocorre o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para o aluno com TEA?

5. Que atividades são propostas para o aluno com TEA?

6. As atividades propostas mantêm alguma relação com aquelas que são realizadas na sala regular? De que modo?

7. Como você avalia o aluno com TEA em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento?

8. Que tipo de apoio você recebe por parte da instituição educativa para o desenvolvimento da sua prática no AEE? Tem contribuído satisfatoriamente com sua prática? Comente.

9. Qual (is) é (são) sua (s) maior (es) dificuldade (s) frente Atendimento Educacional Especializado do aluno com TEA?

10. Como adquire os materiais utilizados em sala direcionados ao aluno com TEA?

11. Como se desenvolve a relação professor e aluno com TEA? Difere da relação com outros alunos atendidos na SRM?

12. Que tipo de avanços o aluno apresenta no desempenho com relação ao início do Atendimento Educacional Especializado?

13. Como ocorre a interação entre você e o professor da sala de aula regular visando a melhoria da inclusão do aluno com TEA?

14. Você tem conhecimento se as atividades da sala de Atendimento Educacional Especializado está interferindo no processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA no contexto da sala de aula regular?

15. Como é que se dá a participação dos pais no AEE?

16. Qual a interferência do conhecimento pedagógico e sobre o Autismo por parte do professor para o trabalho no AEE do aluno com TEA?

UTFPR- MEDIANEIRA
Genice Denise de Oliveira
Grata pela colaboração!

APENDICE C- ENTREVISTA SOBRE A SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

Tema: AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”.

COMENTE SOBRE:

1. Com que materiais e equipamentos contam a SRM? Todos estão em uso?

3. Como você caracteriza o espaço quanto à iluminação, ventilação, organização, estimulação?

4. Quais as condições dos materiais e equipamentos?

5. Além dos equipamentos e materiais enviados pelo MEC a secretaria disponibiliza algum outro material?

6. Quem solicitou a SEM? Em que ano foi implantada na instituição?

7. De que modo o professor da SRM é designado para a função?

8. Que critérios são utilizados para a designação do profissional caso os professores disponíveis não tenham formação específica determinada?

UTFPR-MEDIANEIRA
Genice Denise de oliveira
Grata pela colaboração!

APENDICE D- ROTEIRO DE ENTREVISTA SOCIOPROFISSIONAL COM O PROFESSOR DA SALA DE RECURSOS.



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

Tema: AS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA”.

Dados sobre o (a) professor (a):

1 Nome: _____

2 Idade: _____

3 Cidade de origem: _____

4 Graduação em qual área do conhecimento? _____

5 Instituição na qual realizou a graduação? _____

6 Possui Pós-graduação? _____

7 Tempo de atuação como docente: _____

8 Ano que passou a lecionar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: _____

9 Participa de cursos de capacitação na área de Educação Inclusiva? _____

11 Faz ou já fez curso de capacitação na área de Autismo? _____

12 Classe em que atua _____ Nível _____

UTFPR-MEDIANEIRA
Genice Denise de Oliveira
Grata pela colaboração!